



da Providencia Divina que enxergava as nossas devotadas intenções e a nossa firme resolução.

Chegámos pois ao estado de podermos cumprir uma das nossas importantes promessas, e cumprimol-a. Eis o JORNAL DAS SENHORAS augmentado com mais quatro paginas, dedicadas pela maior parte ás conveniências particulares das familias. E sem augmentar de preço augmentando de despeza, elle principia de hoje em diante a ser publicado com doze paginas, e neste formato continuará para o anno que vem, e por muitos outros, se Deus não mandar o contrario.

Estas paginas pois serão sempre reservadas para a tabella dos dias de baile das diversas sociedades desta côrte; para indicar as modistas de primeira ordem; para os annuncios dos primeiros armazens de fazendas, modas, perfumarias, joias, obras de cabello, decorações, objectos de *toilette*, de desenho, de bordar; etc.; para os primeiros estabelecimentos de pianos, musica e copistaria; para as casas que se incumbem particularmente de arranjar flores espezias e ramos para bailes e mais funcções; finalmente para todos os annuncios que satisfizerem as exigencias do hom-tom e servirem de prompto recurso a todas as familias em geral. Julgamos que traçando assim um quadro abreviado onde possão as nossas assignantes com um rapido lançar de olhos achar indiciõ seguro para a satisfação de todos os seus misteres, temos nós feito um serviço de alguma utilidade a ellas, a quem tanto devemos.

A assignatura do JORNAL DAS SENHORAS continúa este anno, e d'ahi em diante, a ser pela mesma quantia de 6\$000 para a côrte e 7\$000 para as provincias, cada um semestre contados em janeiro e julho.

A Redactora em Chefe,

D. Violante Atabalipá Ximenes de Bivar.



Não posso deixar de confessar-vos que estou alegrissima, satisfeittissima, e ainda mais: pulando de contente!

Talvez penseis, pela declaração, que tirei a sorte grande na loteria passada?—Oh! não o po-

deis erer: o dinheiro não é a nossa verdadeira felicidade; vós bem o sabeis.

Que appareceu-me algum casamento vantajoso?—Tambem não acho vantagem alguma no casamento que é baptisado com tal nome: quasi sempre é synonymo de interesse.

Que vi passarinho verde, de bico dourado?... —Póde ser; lá isso póde ser; não quero agora fazer a clamorosa injustiça de me suppor tambem no *calçado velho* quando apenas tenho os meus (ora diga, diga a sua idade, para ver se lhe acreditão) vinte cinco annos menos alguns dias. Não declaro o dia deste mez em que os completo, para não vos dar o encommo de presentearde o natalicio, por que é dia em que penso diversamente de todos: entristeço e não posso vencer por todo o dia a saudade que me resta do anno que passou! Mas eu gosto tanto de passarinhos...

E então! Não adivinhais querida leitora? Sim, quereis que eu mesmo vos diga o que é. Pois bem, faço-vos a vontade com muito gosto.

Eu sou, como já vos tenho confessado, muito estouvada, muito distrahida, muito amiga de rir e brincar, gosto muito do movimento, da animação, e o meu maior prazer consiste em viver nesse mesmo movimento, nessa mesma animação; porém, de distrahida e estouvada que sou, do muito que gôsto de todas estas cousas, tambem de improviso passo ao sério, todas as vezes que me é necessario consultar meus mais intimos sentimentos e praticar os actos nobres que caracterião a nobreza da mulher. Um desembargador não me ganha. Entendi que uma vez havendo-me dedicado (e foi em ár de brincadeira que se realisou isto!) a escrever minhas *garatujas* neste JORNAL, por elle devia tomar todo o interesse, de que é capaz o nosso coração, quando conscias de nossos sentimentos emprehendemos um beneficio. A principio escrevi por gosto, mas depois veio a consequencia necessaria: o gosto confundiu-se com a devoção, e deste consorcio feliz veio á luz a innocente ambição de, com todas as minhas forças, trabalhar em prol desta tão util publicação.

O que quereis... O *Jornal das Senhoras* é hoje a menha de meus olhos: qualquer pequeno augmento que o vejo ter é mais uma satisfação para mim; amo-o deveras.

Ora avaliái qual não foi o meu prazer quando da minha amiga Redactora em Chefe recebi a participação de que elle era augmentado com

mais quatro paginas, de domingo em diante! Bravissimo! exclamei eu, as despezas que se augmentão é signal de prosperidade do meu querido, que não mais morrerá por falta de recursos. Está pois comprida a promessa que ella fez as suas Assignantes!

Ainda bem não tinha fruido o prazer da noticia, quando deparo com a estampa que ella remetia-me para lhe fazer a descripção. Uma amazona a cavallo! bella, lindissima... oh! que estampa de primor!

Foi então que pulei de contente.

Com effeito, querida leitora, no Rio de Janeiro ainda nós não tivemos um figurino de tanta perfeição artistica; tende a bondade de miral-o, e concordareis que é um verdadeiro capricho parisiense coroado do melhor successo. Até aqui tem-nos vindo muitos figurinos de amazonas, mas, deveis ter notado, todos elles estão a pé e com a saia do vestido em apanhado sobre o braço esquerdo, de maneira que não nos podem offerecer á vista toda a sua belleza e feiticismo. A presente estampa veio pois prefazer os nossos desejos e mostrar-nos um completo figurino em todo o apurado gosto de sua elegancia.

Como é lindo, como é fascinador esse trajar da gentil elegante sobre esse árdigo e soberbo castanho de fina raça, n'fano de sua agradável carga, alegre e obediente á mão da cavalleira que o dirige! Elle patinha inquieto em quanto a amazona sofrendo-o pergunta ao camponio (Está de queixo cahido... em presença de tanta graça!)—Passarão por aqui o Sr. e a Sra. de... —Oh! senhora, ha dez minutos por aqui passarão elles.

Não sei se estareis comigo; gosto muito de ver uma gentil amazona sobre um brioso ginete. Esta saia comprida, aquelle casaquinho deixando révelar um justo e bem talhado colette, aquelle engraçado chapéo, esse assentar um pouco de banda, quasi em pé... oh! dão-lhe uma deliciosa e inimitavel elegancia!

#### DISCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

A amazona traja saia de cachemira preta muito comprida, enfeitada ao lado esquerdo com um galão verde achamalotado em todo o comprimento da costura, sobre este galão desenvolve-se uma ordem successiva de pequenos botões até á altura do colette-casaquinho de peito arre-

dondado, guarnecido todo do mesmo galão— mangas á *Mousquetaire* igualmente agaloadas, e submangas brancas.—colette de cachemira cõr de canna abotoado até acina — collarinho de cambraia mui degolado, e gravata em largo laço de setim preto. O chapéo é de finissimo castor, cõr de pó, ornado com duas plumas ondeantes da mesma cõr.

Remarcaí as luvas; para acompanhar o casaquinho de mangas á *Mousquetaire* ellas são de canhão inteiriço, propriamente á *Mousquetaire*.

14 de outubro.

Christina.



#### O BARDO.

Era um agusto cruzeiro  
N'um rochedo sombranheiro,  
Empinado sobre o mar:  
Junto delle só havia  
Uma capella sombria,  
Aonde o bardo vivia  
Profundamente a scismar.

Lá nesse triste retiro  
Não se escutava um suspiro,  
Que quebrasse a solidão,  
Que não fosse o ai dorido,  
Que ali o bardo sentido,  
Como um pungente gemido,  
Tirava do coração.

Um dia todo severo,  
D'olhar sombrio e austero,  
Pegou na lyra a tremer;  
As suas cordas vibradas  
Soavão notas passadas  
De saudades repassadas  
Por um amargo soffrer.

Erão lembranças do mundo,  
D'es-e abuso tão profundo,  
Cheios de espinhos de dôr;  
Erão lembranças da vida  
No mundo tão mal vivida,  
Tão de tormentos curtida,  
Cercada só d'amargor!

Lembranças da mocidade  
Todas cheias de saudade,  
E que o fazião chorar,

Para os céus de quando em quando  
Os seus olhos elevando  
E saudosos suspirando  
Assim findou seu cantar.

« Vai minha lyra querida,  
No braço da cruz pendida  
Para sempre adormecer!  
Não serás mais dedilhada  
Por esta mão esmurrada  
De te vibrar já cançada  
N'um amargoso viver!

« Não mais ouvir-te prefiro ;  
De ti os sons que desiro  
Enchem meu peito de dôr !  
Elles recordão doçura  
D'esse instante de ventura,  
Que agora só me tortura,  
Que tornou-se em amargor !

« Elles me vazão no peito  
Por magoas todo despeito  
Uma sandade cruel !  
Vai pousar lyra querida,  
No braço da cruz-pendida :  
Tu sómente nesta vida  
A mim não foste infiel !

« Tu aqui neste retiro  
Hade soltar um suspiro...  
O teu suspiro final!  
Assim tivesse eu a sorte  
De com tão suave morte  
Dar assim completo corte  
Ao meu aggravado mal !

« Se essa virgem tão extremosa  
A quem julgava formosa  
Me quizesse ainda amar....  
Oh !... buscar-te então viria,  
Que feliz inda seria  
Como quando eu te podia  
Junto della dedilhar !....

« Quando ao pé deste cruzeiro  
Eu der meu ai derradeiro,  
Se me vier aqui ver  
A minha amante querida,  
Ja de certo arrependida,  
De tanto mal que na vida  
Tão cruel me fez soffrer ;

« Se em minha campa gelada  
Em pranto toda banhada  
Amorosa ajoelhar :  
Te peço que harmoniosa  
Lhe suspires maviosa  
Aquella canção saudosa  
Que eu te faria vibrar. »



## KAROLINA,

III.

novela polaca do XIX seculo,

AS DUAS PRIMEIRAS SEMANAS.

Continuado. (\*)

Ainda Karolina se achava ajoelhada no seu genuflexorio, quando os primeiros raios do sol repontarão e reflectirão sobre seu pallido rosto: e esta vista do Céu, e esta luz magestosamente difundida, fez-lhe lembrar a presença de um Deus e a obrigação de conservar a vida, embora se tivessem esvaecido os sonhos da sua felicidade e as suas mais caras illusões. Como a religião é força, Karolina soube achar na profundidade da sua dôr, um pensamento d'esperança; e a idéa de que ella poderia ser para Leão o seu anjo da guarda, que ella poderia orar e velar por elle, como que a restaurou á vida. O Padre Onuphre tinha-lhe dito: « Que a primeira, a maior de todas as virtudes, consiste no sacrificio continuado de si proprio; tinha-lhe dito; e que a ella não lhe faltava a fé, mas que todavia o conhecimento de si mesma só o alcançaria pelas provações da desgraça. « A resignação e o valor andão ao par da extenção da nossa fé, e o nosso merito para com Deus começa com os padecimentos que sabemos supportar sem queixume, e glorificando a mão que no-los envia »

Estas palavras que Karolina ouvira outr'ora com respeito; e talvez com um desejo inteiro de lhe conhecer o alcance (porque a mocidade quer saber e tudo até afrontar a propria desgraça) estas palavras, repentinas, vierão-lhe de novo á lembrança, e restituirão á sua alma as forças abattidas.

Levantou-se Karolina, e abrindo uma janella para contemplar o espectáculo do sol ao nascer, quiz desta sorte pôr-se por assim dizer, mais perto de Deus! O profundo silencio da madrugada, o verdume dos campos e o perfume das flores que embalsamavão o ar, a penetrarão de sensações mais doces. « Dia virá, disse ella, em que elle me procure; Leão será meu. » Fechando depois a janella, e abaixando a cortina, entrou no seu toucador para tirar o ramo de myrto e de rosmaninho que ainda tinha na cabeça.

(\*) Somos obrigados a parar em o n. 35 com a publicação desta novella, por motivos imprevistos; hoje porém estão elles removidos, e podemos contar com todo o seu seguimento.



*Wm. Jones*



« Preciso é disse ella, que a minha criada nada sabia; que eu a engane. » Ageitou-se então com a touca de dormir, que estava infetada de rendas, vestiu uma camizola bordada, e meteu-se depois na cama. Bem sabia ella que não poderia pegar no somno; mas os anjos que velão á cabeceira dos meninos, tambem embalão as almas candidas e puras! Apenas erão passados cinco minutos e já Karolina dormia profundamente.

Ao dar as nove horas acordou Karolina: haviam bastado alguns momentos do repouso para apagar o menor vestigio de suas lagrimas. Olhou-se ao espelho, e como que se doeu de ver-se tão bonita e tão nedia. Ao toque da campainha, entrou a criada para vir vestil-a, que morta estava ella por ver, e ainda mais por perguntar alguma cousa, se podesse fallar; mas o ar sério de Karolina obrigou a pobre Bolska a ficar calada.

Quando Karolina entrou na casa de jantar encarou Leão que entrava por outra porta: ao vê-la parou elle, e Karolina vindo ao seu encontro, estendeu a mão que Leão tomou e beijou-a, virando rapidamente a cabeça para evitar o recontro dos olhos de Karolina. Foi curto e silencioso o almoço. Leão estava inquieto, pesava-lhe horriavelmente este — a sós — com Karolina ao passo que esta se mostrava naturalmente calma e socegada. Ao levantar-se da mesa disse Leão:

— Madame se desejaes escrever a vossos pais para lhes dar noticias da vossa viagem, eu mando hoje um correio a Warsovia. Quando tiverdes acabado de escrever, iremos dar um passeio, que justo é que vós vejais as vossas terras.

Karolina abaixou a cabeça como para dizer que consentia, e sahiu para entrar no seu quarto.

Mais este supplicio! mais uma nova dôr! Será necessario enganar sua mãe, ella que nunca lhe mentira, ella que sempre lhe havia aberto o coração, e patenteados todos os seus mais reconditos pensamentos! Não; disse ella a si mesmo assentando-se á secretaria, não; não tenho animo para lhe escrever. « E passando as mãos pela testa, agitava-se e procurava palavras sem que encontrasse uma só. A final lançou a custo as palavras seguintes:

« Meus caros pais. Acaba Leão de dizer-me que vai neste momento expedir um correio para Warsovia: quero dar-vos noticias minhas; mas apenas tenho um instante, só se espera pela minha car-

ta, e além disso Leão quer que demos um passeio ainda antes de jantar.

« Minha boa mãe, tenho soffrido bastante pela vossa ausencia; mas Deus, a quem vós pedis por mim, não me tem desamparado neste transe: a minha saúde é boa; e eu seria feliz se vos tivesse junto de mim. Ouço meu marido, não posso demorar-me; é mais uma vez que vos deixo. A Escripura diz: — tu deixarás teu pai e tua mãe para acompanhares a teu marido. Obedecendo meus bons e muito amados pais, eu vos abraço respeitosamente.

Karolina julgando-se feliz por ter podido escrever esta carta, que de certo não era de todo mentirosa, esfregava as mãos de contente. Neste comenos appareceu Leão, e surprehendido por esta manifestação de alegria, olhou para Karolina como que espantado, e disse-lhe:

— Aqui tendes o vosso sinete em armas, servirá para fechardes a vossa carta.

— Oh! Como é bonito, exclamou Karolina, eu vol-o agradeço.

— Sim, mas é demasiado caro, replicou Leão com um sorriso sardonico.

Bem via Karolina que Leão não comprehendia, e que lhe seria impossivel triumphar das suas prevenções. De todas as dôres, a injustiça é talvez a mais pungente: acudirão-lhe as lagrimas aos olhos; mas de força foi seccal-as logo, e mostrar-se com rosto placido, porque seu marido lhe mandava dizer que o phaeonte o esperava. Desceu ella, e tomou assento ao lado de Leão, o qual governava por si mesmo a dois cavallos. Karolina era medrosa como o soem ser quasi todas as mulheres moças: de espaço em espaço, quando o phaeonte tinha de vencer alguma difficuldade do terreno, Karolina soltava um grito involuntario, e Leão olhando para ella com certo desdém, continuava na carreira.

Vendo Karolina tão assustada, lembrava-se Leão de uma outra mulher, que em iguaes circumstancias e a mais que animosa: era temeraria.

Depois deste triste passeio, o Conde e a Condeza voltirão para o castello.

Karolina tendo feito o seu *toilette* desceu e entrou na casa de jantar, onde Leão a esperava: ambos se pozerão á meza, e trocarão algumas palavras em francez, em ordem a que os criados, os não podessem entender. Leão, em respeito a si proprio, não queria que se suspeitasse da sua frieza para com Karolina.

Acabado o jantar, retirou-se Leão para o seu aposento a pretexto de ter muito que fazer; e Karolina retirou-se também para o seu quarto, e então pôz-se a reflectir na sua actual e singular situação. « Minha vida é perfeitamente inútil; não valho nada, não sou util a ninguém; ninguém carece de mim, ninguém precisa da minha bondade, nem dos meus cuidados; que farei pois? E todavia Deus nos pede contas das nossas acções!

Se Karolina não tivesse sido educada nos verdadeiros sentimentos de virtude e de piedade sem duvida que guerrearía o seu destino, mas a sua alma, toda ella christã, quiz prender-se á vida pelo dever.

Tomou a si o governo da casa, que era dirigida por criados; entendeu que por meio de seu zelo, e economia, no meio de tantos gastos, poderia habilitar-se para dar mais esmolas e fazer maior bem aos seus camponeses. E quem sabe se em tudo isto não se escondia de facto o pensamento de agradar a Leão...

Todos os dias, depois do almoço, o Conde e a Condeza iam passear á tapada. Leão escolhia sempre de preferença as divisas mais largas, em ordem a andar mais afastado da mulher: o seu contacto o fazia estremecer, o roçado de seus vislidos, a bulha dos passos, o som da sua voz, excitavão-lhe movimentos convulsivos: nunca lhe fallava fitando-a, e as poucas attentções com que a tratava erão sempre contrafeitas.

A certeza de agradar, a persuasão de ser amada, torna a mulher bonita, fal-a espirituosa, amavel, transforma-a, illumina-a, eleva-a: a confiança, que é o que encanta, mostra-se no menear de sua cabeça, no seu porte, nas suas attitudes. Ser amada é uma verdadeira realza que torna a a mulher activa. Mas a mulher desdenhada, a mulher que prodigalisa o seu coração, onde achará ella a consciencia de si mesma? Que valería Karolina no conceito de Leão? O que elle proprio dizia: « É uma menina bóa e bonita, mas de tal sorte atoleimada que causa tedio: não sente, não pensa, é uma boneca que o mais a que póde aspirar é ser uma mulher do mundo. Julia (\*) não precisava por certo d'este contraste, para ser adorada: ella tem tudo, sim tudo o que seduz, tudo o que enleva, tudo o que prende. Paixão, amor, bondade, tudo possui esta divina creatura. »

(\*) A princeza Julia R... é uma lourreira que Leão encontrou na Suissa, e por quem ficou doido de amores.

Apesar do procedimento de Leão, Karolina o amava.

Explique quem podér estes grandes mysterios da alma. Qual será a razão por que em todas as affeições, ha um que ama, e outro que se deixa amar? Será por que a harmonia é impossivel? Será por que a paixão é um som semi echo? A frieza e a indifferença no amor nascem crescem quasi sempre á medida que mais se cre ser amado.

Karolina amava a Leão; amava-o sem elle o querer e a seu despeito; mas quem não conhece o poder do primeiro amor?... Na mocidade ama-se sem vontade, ama-se sem sentir-se a necessidade de amar: o sentimento que faz viver, que faz pensar, expondo-se sem o sabermos. Entra-se no mundo; conhece-se a existencia, começa-se o desenvolvimento, então ama-se, não importa o objecto. A era não escolhe a arvore a que se encosta; o rouxinol canta sem saber se o ouvirão: o primeiro amor, esta criação do nosso ser, este amor que produz tantas alegrias, tantas dôres, só póde traduzir-se por uma unica palavra — amor—

Uma tarde que Leão se achava nos aposentos de Karolina, um correio vindo de Warsovia, lhe entregou muitas cartas. Leão sahio immediatamente, mas voltou para depois mais triste e mais pensativo de que o seu costume....

— Meu pai annuncia-me, disse elle, a sua chegada: vossa familia vem também visitar-vos com todas as pessoas que assistirão ao vosso casamento.

Karolina contente por tão bóa noticia, não podia comprehender a tristeza de Leão. Não duvidava de que entre tantas cartas poderia haver alguma da princeza Julia, carta de paixão, de ciume frenetico, ma qual ella ameaçasse a Leão de o abandonar, se elle tivesse as menores attentções por sua mulher. Além d'este motivo de inquietação, outro havia, e era que Leão temia os parentes de Karolina.

— Quando chegará vosso pai? perguntou a condeza.

— Espero-o de momento a momento, respondeu Leão.

— Leão, ficai descansado a meu respeito, replicou Karolina, não trahirei o vosso segredo.

Estas palavras tão singellas, esta resignação tão tocante, accendeu de furor a Leão. Pela primeira vez comparou estas duas mulheres, e o seu juizo declinou a favor de Karolina; uma tão doce e tão candida, e a outra tão violenta e tão

: injusta!.... Sentiu o que seja de remorsos, mas na disposição em que o puzera a carta de Julia, era-lhe impossível decompor o coração:

Irritado contra si mesmo, põe-se a detestar todo o mal que tinha feito; e como acontece sempre, o peso da sua colera recahiu todo sobre Karolina. Em geral amamos mais ou melhor as pessoas que nos têm offendido, do que as que nós offendemos: e a razão está em que não lhes perdoamos os agravos que lhes temos feito.

*Continua.*



### AS SYMPATHIAS.

[Fragmento de um album.]

Quando a minh'alma se encontrou pela vez primeira com a tua, eu escutei no fundo do meu coração uma voz poderosa e solemne que me bradou—na terra do exilio tu vás encontrar uma amiga.

E esta voz foi tão cara á minh'alma, com a estrella da bonança ao que lucha na agonia do naufragio em noite medonha de medonha tempestade; foi harmoniosa e encantadora como deve ser a voz da liberdade por quem soffren a prisão e o ostracismo por largos e dolorosos dias; deve ser como a volta do proscripto á sua patria querida.

Na verdade a amizade foi a dadia mais rica e preiosa que Deus doou ao genero humano. Ella minora todas as nossas afflicções, ella mitiga todas as nossas penas, e se na terra estranha nós a encontramos do nosso lado contra o tropel dos nossos infortunios, ainda nos é mais cara: é como um balsamo derramado nas ulceras da alma: é como a sombra da palmeira ao viajante fatigado pelos ardores da calma: é como um trago d'agua para quem atravessa os desertos da Arabia.

Mas a sympathia é grande alegria para o coração humano; é um mysterio poderoso da alma que ninguem sabe explicar, nem o douto, nem o ignorante, nem o pobre, nem o poderoso; e com tudo todos sentem o seu arrebatador e magico poder: são as vistas de amor que Deus troca com os seus anjos. Quando eu te vi pela primeira vez, experimentei o sentimento poderoso da sympathia, o qual encheu a minh'alma de uma alegria sobrenatural: foi como um anjo que veio anunciar uma grande felicidade.

Ei-me congratulo pois por haver merecido no fundo da tua alma semelhantes sensações, e me felicito no transporte das mais ricas alegrias se ellas forem tão eternas como hade ser a poderosa amizade, que a minh'alma se regozija de consagrar-te. E assim como a sombra da palmeira ao viajante cansado, assim como o trago d'agua be-

bida na largueza do areal deserto são recordações para quem as experimentou, assim a sympathia e a amizade que te consagro na terra estrangeira será eterna e solemne no fundo da minh'alma.

*Viscondessa de...*

### CHRONICA DA QUINZENA.

Estamos no decimo mez de existencia da Redacção da chronica da quinzena do *Jornal das Senhoras* (o que vai de *dês dos e das!*) e ainda não me vi tão embaraçada com as semanas despidas de novidades como me vi atropelada com perguntas e respostas a semana passada! Dirão as queridas leitoras que nenhuma culpa tiverão disso, para que eu as vá maçar agora com as minhas choradeiras; mas é isso o que precisamente nego. Foi dentre ellas uma muito minha sympathica afeiçãoada quem enviou-me, em muito segredo, aquella cartinha do *namorado* para que fosse publicada na chronica; publiquei-a, guardei o segredo bem no fundo da gaveta, tranqueira; e, a final de contas, foi essa mesma *judia* quem se encarregou de receber o nome de *amorosa* creatura e deixou-me ficar nos apuros de segredista. Sete dias de perguntas e respostas tive de attender fingindo de não saber de nada quando todos já sabião de tudo! Por um triz que se descobre o meu incognito neste vai e vem de perguntas; e eu havia de ficar aceitada! Nada, Senhora Bellona, a senhora não deve ser mais tão segredista em materias taes. Os namorados que escrevão em termos, ou que se explicuem cantando, como fazem os gogos que fallão por esta forma as mil maravilhas. Dei o meu cavaquinho.

Vamos agora a outro assumpto.

Suas Magestades Imperiaes dignarão-se fazer a honra aos Srs. Laboceta, Scaramello, flautista ha pouco chegado da Italia, Fioretto e Dionisio Vega, de os receber no Paço de S. Christovão na noite de 8 do corrente para um sarão musical onde executarão os dois primeiros artistas varias peças de musica no violoncello e na flauta, e os dois ultimos desempenhãrão arias e duettos. Dias antes recebeu o Sr. Stokmeier Junior igual honra alcançando por seu talento artistico um esperançoso acolhimento do Monarcha que muito o animára.

Temos mais um tenor, que chegou neste ulti-



mo paquete chama-se Gentilo, e parece-me que estreará no dia 22 na opera Norma. Deus o fade bem e que seja natural de bom genio. Depois de ouvir-o vos direi a minha opinião.

Chovia a potes na segunda feira; a noite era tempestuosa e parecia prometter uma boa carga de defluxo ou uma tremenda constipação a todo aquelle que ousasse pôr o nariz fóra de casa; qual chuva, qual defluxo, o dilettante não treme de taes bagatellas. A's oito horas o theatro lyrico estava guarnecido; não havia enchente, mas lá estavam os amadores saudosos, os camarotes pela maior parte representados por seus assignantes, e a *Regina de Chypre*, apezar do temporal que a pilhou em viagem, chegou a salvamento e deu a sua entrada triumphal muito soffrivelmente. Eu tambem lá estive, queridas leitoras, tambem fui das que me não importei com o tempo: já tinha saudades do *ruge-ruge* theatral.

Uma amavel criatura, destas que dão fé e sabem de tudo, affiançou-me que Mme. Stoltz brevemente reentrava na scena lyrica, a 15 ou 19 deste mez, e sabeis o que lhe respondi? — Meu caro, eu já sabia disso, (e de outras coisas mais, querida leitora, que vós não precisaes que eu vos rexele, porque bem certa estais, os *homens máos . . . e polluidos*, como afeição e degeneração os nossos mais honestos actos, quando estes não caminham direito aos seus reprovaveis designios.) uma artista de educação não sabe faltar aos seus deveres de civilidade, e muito menos ás suas obrigações contrahidas.—Isso é verdade, D. Bellona, respondeu-me o *sabe-tudo*, todos elles são doces e de boas intenções, máos são os que lhes põe a pedrinha no sapato. . .

Está o theatro de S. Francisco muito curioso. Dentro da caixa ou tablado ha um milhão de traquinadas e diabruras, amarelas, verdes, reluzentas, cõr de fogo, capazes cada uma por si de levar ás fogueiras do santo officio o *innocente* que á ellas se ageitasse nesse tempo *sem licença da ordem*. Felizmente n'aquelle tempo só haviam as *almas d'outro mundo*, os espectros, (misericordia meu Deus!) e os diabinhos com rabinhos vermelhos (Jesus com o nome de Jesus!) que ninguem lhes podia pegar. Hoje tudo mudou; apenas restão para memorias d'esse horrivel tempo os rabinhos, mas são de palha que ardem facilmente e as cinzas o vento as leva, verdade é que alguns deixão ficar uma teimosa ferida, que se torna chronica e nunca mais será; mais.... isso não vale nada.

Entre essas mil diabruras e traquinadas, como vos ia dizendo, está o Sr. Barr, fallando hespanhol e executando com muita facilidade a magica apparente. Estreou no dia 8 do corrente, mas estreou mal no que diz respeito a bilhetes: talvez por inexperiente entregou-se aos cambistas que fizeram o que bem lhes pareceu com o povo. O meu velho Santos blasfemou por quantas juntas tem, e prometteu aos seus penates não ver mais as artes de *berliques e berloques*.

Não fecharei esta chronica sem dar-vos os parabens pelos augmentos do nosso Jornal em grande parte devidos aos desvelos e cuidados da nossa Redactora em chefe e principalmente á vossa protecção. Neste caminho, e cortadas que

sejão algumas difficuldades, elle chegará brevemente á posição que aspira, e me egerá então a approvação ainda das mais delicadas e justas susceptibilidades.

Adeus, querida eitora; deixo-vos para ir ao baile dos Milita es que deve estar hoje, como sempre brillantissimo.

14 de outubro.

Bellona.

## LOGOGRIPO.

Immenso! Diz a primeira,  
Se á segunda se ajuntar  
Verão que tambem tem onças  
Oitavas para sommar.

A segunda repetida,  
Cá na terra brasileira,  
E' tão bom... é bem gostoso  
Apanhado na palmeira.

Segunda, terceira e quarta,  
Ha no Brasil com grandeza;  
Em seu viçoso ornamento  
Esmerqu-se a natureza.

A terceira com a quarta  
Póde ser nome de amiga,  
Se assim se chamãr aquella  
Com quem teu gen'o se liga.

A quarta com a segunda  
Não póde ser coisa inteira  
Desgasta o metal mais duro  
A terceira e a primeira.

Nome proprio feminino  
Qu'em tres quartos tem firmeza  
No restante, qu'inconstancia!  
Nunca pára com certeza.

Adelaide P. de L.



Acompanha a este n.º 42 uma estampa de um figurino de amazona.

O Illm. Sr. S. E. O. tem uma carta no mesmo logar.